

# ALBANO MARTINS

Entrevistado por Maria Augusta Silva

OUTUBRO 2004

“O discurso do amor é tecido de silêncios e de pequenos gestos (...) que o poema tenta captar. (...) A poesia moderna transformou-se, em certos casos, num mero exercício escolástico e acadêmico quando não pretexto para loas e prebendas e, até, para a obtenção de currículo. A santa república das letras portuguesas tem os seus fetiches e os seus bonzos. (...) O abandono escolar dá-se, essencialmente, por falência do sistema e das políticas educativas, mas também por inércia, incúria ou incapacidade dos governantes na resolução dos problemas sociais.”

## **A sua bússola é a arte ou o coração?**

Foi sempre o coração. A arte anda ao lado, de mãos dadas com ele. É uma companheira, uma confidente, se quiser, mas o coração é que marca o rumo, aponta o caminho.

**Depois de meio século de vida literária, coração e arte têm sempre alguma coisa mais para dizer?**

Por mais que digamos, nunca diremos tudo. Acredito, porém, que terei dito o essencial.

**Esse essencial reside no concreto do homem?**

Resume-se, no fim de contas, à busca de soluções (ou de respostas) para as questões que se prendem com a nossa identidade, a nossa condição e o nosso destino. Prende-se também com a nossa mundividência.

**Peço auxílio a dois versos do seu livro *Três Poemas de Amor Seguidos de Livro Quarto*, com belíssimos desenhos de José Rodrigues, para lhe perguntar: Na escrita poética «há um rio que é foz / e fonte de outro rio»?**

Se esses meus versos traduzem alguma coisa, será, julgo eu, a unidade inextrincável de dois corpos confundidos, em perfeita união. Se entre o poema e o leitor houver igual identificação, talvez então a “foz”, que é o simulacro do poema, possa constituir para o leitor a “fonte de outro rio”. O das suas emoções, por exemplo, quaisquer que elas sejam. De ordem estética ou outra.

**Eduardo Lourenço costuma definir a sua poesia como um «lugar de excesso e perda intimamente ligados», uma poesia de «romantismo controlado», uma «música que o transcende como ele se transcende nela». Concorda?**

Com a sua cultura e perspicácia habituais, Eduardo Lourenço viu claramente, por detrás daquilo a que um dia também chamou o meu «classicismo moderno», um «romantismo controlado» (é isso que, afinal, se não me engano, encontramos em Camões).

Embora seja, por natureza, avesso a rótulos e etiquetas, geralmente redutores, há nos dois sintagmas de Eduardo Lourenço uma verdade que se me afigura indesmentível. Quanto às outras duas frases, constituiriam matéria para um tratado que ultrapassa largamente os objetivos e os limites da nossa conversa. Julgo, em todo o caso, haver em ambas as afirmações alguma justeza e alguma verdade.

**Excessos e perdas são fragmentos de uma unidade interior que passa pelos «patamares da memória»?**

Sim, a nossa memória é um vasto laboratório onde estão compendiadas, em arquivo (e em “patamares”), as experiências por nós vividas com maior ou menor intensidade. Com elas se constrói o poema, que as recupera e devolve à atualidade, essa que lhe é proporcionada pelos instrumentos vivos da linguagem.

**Experiências que se ligam do mesmo modo à idealização, ao objeto plástico exterior? Já no seu primeiro livro, *Secura Verde*, diz: «Tenho tudo nos meus olhos, / as cores todas»...**

É pelos nossos olhos que passam as imagens do mundo exterior, às quais Pessanha perguntava: «Porque ides sem mim, não me levais?» Pelo real se chega ao ideal. Por outras palavras: sem o real, o sonho alimentar-se-ia do vazio.

**Não deixa de tocar alguns vazios na sua arte poética, que no entanto é celebrante e nunca se dá à agonia, não lhe sentimos “sacrifícios” no conteúdo, tão-pouco na forma. Significa que o prazer do texto e o gosto estético podem dispensar a catarse?**

Não só o prazer e o gosto estético. Também a discrição, a reserva, o pudor. Penso, aliás, que o poema não é um

mostruário de enredos, um confessionário ou palco destinado à exibição de dramas e conflitos, quaisquer que eles sejam. Camões, dirigindo-se à canção, acusava-a de ser “pequeno vaso” para nele derramar o caudal da sua experiência. Sabemos hoje que o poema não é um repositório de histórias individuais.

**Todo o poema acaba por tornar-se independente do poeta?**

É ele, o poema, que cria a sua própria história. E, para o fazer, não precisa de muitas palavras nem de gestos obscenos.

**Poder-se-á assim admitir que a “emoção estética” se prende com o “silêncio do homem”?**

Julgo que a emoção – a emoção estética, neste caso – nasce do encontro ou coincidência da realidade (que pode ser um objeto, um quadro, um poema ou uma partitura) com o nosso eu mais profundo.

**Alentejo, onde viveu, foi um horizonte decisivo na claridade e musicalidade dos seus poemas?**

Não, julgo que não. Embora tenha vivido três anos em Évora (corrijo: quatro, pois já ali passara um outro, no R.I. 16, como oficial miliciano), é à Beira, a Beira Baixa, que me considero devedor. Passei a infância (até aos onze anos) numa quinta próxima da Capinha, atravessada por uma ribeira que, no inverno, crescia e alagava os campos em redor.

**Tem na escrita a voz inicial da água...**

É de lá, do fluxo e marulho dessas águas que deriva, creio, a musicalidade da minha poesia. É de lá também, certamente, que vem a claridade de que fala, a dos horizontes largos e dos dias

ensolarados, lentos, das cores lavadas e enxutas das manhãs e tardes de verão.

### **Nascido em terras do Fundão, as cerejas transformaram-se em palavras?**

Não foram apenas as cerejas, que hoje dão colorido aos vales e encostas da Gardunha, lá para os lados das Donas e em Vale dos Prazeres. Foram também os figos, as amoras, as amêndoas, as peras, as castanhas. Foram os melros, as cegonhas, as andorinhas, as rolas, os pardais, o cuco, as cotovias. E foram as flores, as das árvores e as outras, mais humildes, que espontaneamente irrompem do chão, na primavera. De tudo isso a minha poesia se alimentou. A tudo isso devo o aroma, a sonoridade e a cor que às vezes atravessam os meus versos e lhes dão fisionomia.

### **Porto que aprendeu a amar, e onde está, aguçou-lhe, contudo, o «sentimento estético»?**

É uma cidade onde a arte e a sedução nasceram *de mãos dadas*. Ninguém resiste ao fascínio da sua arquitetura pessoalíssima, do traçado granítico das suas frontarias, do bronze das suas cores, do rendilhado das suas ruas e das suas varandas. Raul Brandão chamou-lhe «sórdida e esplêndida», mas dela disse ainda que é uma «cidade de sonho».

### **Em Raul Brandão admira sobretudo o escritor de *Húmus*?**

Gosto muito do *Húmus*, geralmente considerada a sua obra-prima, mas gosto muito, também, das *Memórias*, em cujos três volumes há páginas admiráveis, diria mesmo geniais (os prefácios, sobretudo).

**Na obra brandoniana, *Os Pescadores* é igualmente um livro de referência do escritor filho e neto de gente dos mares...**

E gosto muito d'*Os Pescadores*, da primeira à última página, um modelo insuperável de prosa poética; e d'*As Ilhas Desconhecidas* e do *Portugal Pequeno*, onde o dedo de Raul Brandão sobreleva claramente o de Maria Angelina, na linguagem, no ritmo, no sopro lírico.

**Enquanto tradutor de poetas como Neruda, Salinas, Giacomo Leopardi, Guillén, Jimenez, poetas gregos, italianos, de que modo faz a aproximação aos originais?**

Antes de mais, por gosto e afeição. Depois, com cautela e respeito, seja qual for o poeta escolhido. E pedindo licença a este para re-escrever na minha língua um texto que, ao fim de traduzido, é já meu também.

**Porquê esse sentido de posse?**

Porque toda a tradução é um ato de apropriação.

**Nunca atraiçoou nenhuma palavra original?**

A tradução é, já se sabe, traição. Esta começa precisamente pelas palavras.

**Traição porque nas diversas línguas não se encontram palavras que sejam “almas gémeas”?**

Não é possível, ao nível dos significados e, sobretudo, dos significantes, encontrar, nas duas línguas, a de chegada e a de partida, correspondências perfeitas.

**Não havendo «correspondências perfeitas», como é que o tradutor, e em particular na expressão poética, trabalha e exprime a obra e o autor traduzidos?**

Por isso a tradução é um exercício de aproximações sucessivas. E também por isso o resultado é sempre outro texto, paralelo do primeiro e que, partindo do mesmo ponto, acaba, afinal, por dele se diferenciar.

**De qualquer maneira, existem “leis da fidelidade” na tradução. Como se harmonizam? Como se entendem?**

A fidelidade – fidelidade ao espírito, que não à letra – é, deve ser, penso eu, a primeira norma do tradutor. Não trair a “mensagem”, cingir-lhe o rigoroso sentido, tem de revelar-se uma preocupação prioritária (tem sido a minha, pelo menos), e essa não pode (ou não deve) ser atraçoada. A tradução envolve duas operações simultâneas e complementares: a leitura, ou seja, a perfeita compreensão do texto e a tradução propriamente dita. É aí, com todo o seu cortejo de armadilhas, que a traição se insinua.

**O “poder expressivo”, será esse o instrumento essencial à arte de traduzir?**

Não há, a meu ver, apenas um instrumento, mas vários, a bem dizer “essenciais”. A tradução é o resultado da colaboração ou concurso de todos eles. Julgo, entretanto, que a primeira exigência do tradutor é a sua competência linguística.

**Em termos de riqueza linguística, sentiu-se mais próximo de Pablo Neruda, de quem, entre outras obras, traduziu *Canto Geral*?**

Traduzir o *Canto Geral* não foi tarefa fácil.

### **Devido, fundamentalmente, à extensão da obra?**

Não tanto pela extensão da obra como pela variedade dos registos – que oscilam entre o lírico, o épico, o dramático e o simplesmente narrativo – e o cabedal de informações que, dada a particular natureza do poema, se acumula nas suas páginas.

### **Como desatou esses nós?**

As dificuldades foram muitas, a começar pelo vocabulário, para a tradução do qual me não bastavam, às vezes, os dicionários que tinha à minha disposição – vários e de vária origem. É toda a história e geografia da América que está ali compendiada, e por isso me vi na necessidade, em certo momento, de organizar um glossário que, servindo a minha própria leitura, funcionasse também como auxiliar para os restantes leitores.

### **Dois versos de Neruda: «Vim aqui para cantar / e para que cantes comigo». Aconteceu assim entre o poeta e o seu tradutor também poeta?**

Descobri Neruda aos dezanove anos, quando li pela primeira vez os *Veinte Poemas de Amor y Una Canción Desesperada*. Aquele sopro impetuoso, aquela audácia de linguagem traduzida sobretudo em algumas insólitas metáforas, foi uma revelação.

### **A sua arte poética deixou-se tocar, de certa maneira, por essa revelação?**

Algumas marcas terá deixado certamente na minha poesia. Neruda é um dos poetas diante dos quais ninguém fica indiferente: ou se ama ou se detesta. Embora reconhecendo que a sua poesia roça às vezes o panfleto, não pode também deixar de reconhecer-se nele (assim o reconheço, ao menos) uma das vozes mais poderosas, influentes e criadoras do século XX.

### **Dos líricos gregos que traduziu, algum lhe armadilhou o discurso intelectual?**

Julgo que não. O que da Grécia herdei de mais saliente foi talvez o sentido do rigor e transparência que é uma das marcas do espírito ático, isso a que a crítica tem chamado a minha contenção. Das minhas traduções de Alceu e Safo alguém disse, uma vez, por bonomia, que estes nomes eram pseudónimos meus. Se assim fosse, estaria consumada essa armadilha.

### **Dá-se bem com Platão?**

Dou-me melhor com os trágicos e com os pré-socráticos, apesar do caráter fragmentário das construções filosóficas destes últimos. O idealismo platónico não se casa bem com a minha visão do mundo e da vida.

### **As contradições culturais são fundadoras do homem plural...**

Naturalmente. A univocidade, onde quer que se situe e tenha os rostos que tiver, representa sempre uma mutilação, uma limitação da liberdade individual. Sem esta, o homem plural não existe.

### **Ao traduzir Salomão (*Cântico dos Cânticos*) sentiu alguma admiração por aquele rei de Israel?**

Não pode ler-se o *Cântico dos Cânticos* sem sentir pelo seu autor uma grande admiração. A admiração que sempre nos merecem os grandes criadores (ainda mais quando eles são heterodoxos), isto é, os produtores de beleza. Mesmo que ele, o rei Salomão, não seja realmente, como alguns admitem, o autor do poema.

**Salomão acabou por transformar-se num mito de magias em que a mulher encarnava o demónio... A propósito, recordo do seu livro *Uma Colina para os Lábios*, estes versos: «Se te despes, um deus / contempla, fulminado, / a própria criação». Fala da mulher como deslumbramento ou como tentação demoníaca?**

O que esses meus versos procuram traduzir é isso: o deslumbramento do sujeito poético perante a beleza do corpo feminino, a sua celebração. A visão romântica da mulher como anjo ou como demónio não participa da minha conceção do humano.

**Fascinam-no as religiões e as culturas ancestrais?**

Sim, porque nelas, nos seus ritos e ritmos arcaicos, subsiste uma visão ingénua, muito pura, do mundo e da vida; uma visão não contaminada pelos interesses corporativos das sociedades e das igrejas modernamente constituídas.

**Acredita que alguma vez os homens hajam tido uma visão pura de si mesmos e dos outros?**

De si mesmos e dos outros, não sei, duvido, embora esteja aí, parece-me, a essência de algumas religiões conhecidas. Acredito, porém, que, antes do aparecimento do espírito científico, o homem se olhasse a si, aos outros e à realidade envolvente com a ingenuidade própria de quem, não tendo explicações racionais sobre si mesmo e sobre os fenómenos, via o universo como um espaço de magia.

**Que idade têm as barbáries?**

Têm a idade do homem. Os bárbaros modernos gozam, entretanto, de uma particularidade, que é também, para eles,

uma vantagem: usam técnicas e instrumentos mais requintados do que os antigos e atuam por cálculo e cinismo.

**Diz num poema: «(...) puro sou. Escavo / com minhas mãos a lama / do silêncio. Não / conheço outro ofício.» A poesia absolve-o de qualquer pecado?**

Pecado é uma palavra que não consta do meu vocabulário, donde há muito foi abolida. Sirvo-me da poesia como testemunho. Os navegadores portugueses, no século XV, deixavam nas terras por eles descobertas marcos ou padrões a assinalar a sua passagem. Da minha, ficam os meus poemas.

**Porventura, os homens das descobertas sabiam melhor do que ninguém o valor da comunicação entre os seus iguais. Apesar de vivermos numa sociedade global de informação, os povos são hoje mais solitários?**

Há, no fundo, mais ruído e mais agressividade, o que, em vez de atenuar, de aproximar, pode contribuir para alargar o fosso. Como uma concha que, ao pressentir o perigo, se fecha e dobra sobre si mesma.

**Dá-se uma interação sem olhares humanizados?**

A desumanização do homem é um fenómeno complexo, a exigir ponderação.

**Tantas guerras, as que se veem e as que se disfarçam...**

As guerras são apenas uma face da medalha. Não há democracia que resista se não forem generalizadamente assegurados os direitos essenciais do ser humano e as preocupações económicas se não subordinarem a políticas tendentes à resolução dos graves problemas sociais que afetam a humanidade.

**«Escreve / sou árabe / Tenho um nome vulgar / sofro num país / que ferve de raiva», versos de um poema (*Bilhete de Identidade*), de Mahmud Darwich, integrado na *Pequena Antologia da Poesia Palestiniana Contemporânea* que organizou e traduziu, com um desenho de Alberto Pêssimo. Um poema para, mais do que nunca, nos levar a refletir?**

Não apenas esse, mas a generalidade dos poemas incluídos na antologia. São poemas de amor e raiva. Como não pensar nos motivos que lhes estão na origem e na possibilidade (diria antes, na necessidade) da sua superação?

**Considera a poesia árabe das melhores do mundo?**

Não necessariamente, embora alguns dos seus poetas, em particular o palestino Mahmud Darwich e o libanês Adonis possam, a meu ver, ombrear com os grandes poetas europeus do século XX.

**Como pensa que irá evoluir a política mundial num momento em que a relação entre civilizações parece ser «um fosso de víboras»?**

Não sou político encartado nem vidente de profissão. Assusta-me a perspetiva (a iminência?) de uma fogueira em larga escala, num mundo governado por déspotas (disfarçados, por vezes, de democratas), por loucos e por ineptos.

**Humanidade: o «paradigma perdido»?**

Julgo que a humanidade está hoje tão afastada como há dois séculos de um ideal de generalizado bem-estar e de progresso desde sempre perseguido. O século XX foi o século das utopias. Todas elas se esgotaram, creio eu. Mas, como dizia António

Gedeão, o sonho comanda a vida. Continuará a haver utopias, que cederão o lugar a outras, e outras, e outras ainda.

**O sonho comanda a vida, e os poetas que muros podem ajudar a destruir, a derrubar?**

Todos. Diz-se, com razão, que a palavra poética não conhece fronteiras. E o que são as fronteiras senão muros que a história ergueu?

**Deve a poesia servir combates ou não?**

Perfilho a opinião dos que afirmam que a poesia não serve, é servida. O único combate do poeta é com as palavras.

**E com o pensamento?**

São elas, as palavras, que engendram, que promovem o sentido (é a isso que se chama pensamento?) do discurso poético. Por isso digo: é com as palavras que o poeta se confronta ou debate na realização do poema.

**Um superindustrialismo, que atravessa também a cultura, as artes, as palavras, está a pôr em risco o espírito criador e a sua individualidade?**

Um dos perigos que espreitam a arte (e, obviamente, o espírito criador) é o mercantilismo, a comercialização desenfreada dos produtos artísticos. Esse é, porém, um sinal dos tempos que vivemos na sociedade de consumo (e de lucro) que é a nossa.

**Enquanto organismos vivos, as sociedades estão em constantes transformações. Será possível alcançar-se um modelo de felicidade?**

Haverá sempre tantos modelos quantos os indivíduos. Mas o homem será sem dúvida mais feliz no dia em que não houver guerras, nem doenças, nem fome, nem injustiças. Em que a tolerância prevalecer sobre o fanatismo e forem abolidos os dogmas e todas as formas de ditadura. No dia em que a idade de ouro regressar à terra, onde nunca esteve, afinal.

### **Está a falar do impossível...**

Estou a falar do improvável. A história mostra-nos que o extraordinário progresso técnico verificado em nossos dias não foi, infelizmente, acompanhado por igual aperfeiçoamento moral do indivíduo. Estou a falar de ceticismo, de pessimismo. Do meu ceticismo, naturalmente, do meu pessimismo.

**Em *Assim São as Algas*, obra que engloba cinquenta anos da sua poesia, podemos ler: «O amor também cansa. / Renova a tua vida dia a dia». O poeta, mesmo se pessimista, faz essa renovação?**

Faz, porém só na medida em que o não estorvam os limites de toda a ordem – tantas vezes insuperáveis – que diariamente lhe saem ao caminho e tolhem os movimentos. Os impulsos, quero dizer.

**O discurso do amor é porventura um dos pontos mais sensíveis da sua lírica, mas não o amor cansado...**

É verdade. Mas há também uma aprendizagem do amor. Aos dezanove anos, quando escrevi esse poema, ensaiava os primeiros passos nessa aprendizagem. A experiência diz-me que ela nunca termina.

**Também a morte lhe entra no verso, sem lamentos, como sendo a natureza da autenticidade. Nesse campo está mais próximo das teorias de Heidegger?**

Já o disse uma vez, repito-o: a presença da morte na minha poesia é uma forma de esconjuro. Uma tentativa de ab-rogação do absurdo.

**De um absurdo perturbador?**

De um absurdo que é este: a consciência de que se nasce para a morte e de que sobrevivemos a custo, em risco permanente, à beira do abismo.

**Ensaísta e também poeta, Luís Adriano Carlos diz da sua poesia, ao prefaciar *Três Poemas de Amor Seguidos de Livro Quarto*: «A marca mais saliente desta poesia talvez seja o poder de inscrição da voz sobre o silêncio emotivo como linguagem discreta do Amor». Desejou que este livro fosse, de certo modo, niilista para intensificar o corpo?**

O discurso do amor é tecido de silêncios e de pequenos gestos. São esses gestos e esses silêncios que o poema tenta captar. Por outro lado, se o corpo é o objeto do desejo, é dele que a escrita busca apoderar-se, cingindo-o nos seus impulsos e no seu secreto esplendor.

**Então, o nada «é a plenitude do ser», como refere Manuel Ferreira Patrício num dos textos que integram o volume *Uma Flauta de Areia*, comemorativo de cinco décadas da sua escrita?**

Quem pode dizê-lo? Uma leitura filosófica, de base ontológica (heideggeriana?) da minha poesia talvez consinta essa

conclusão. Não me atrevera a contrariar ou desmentir o meu amigo e filósofo Manuel Ferreira Patrício. E vou reler Heidegger, prometo-lhe.

**Homem marcado pela cultura clássica, pelo rigor, concisão e metáfora fluida mas transgressora, são estas as formas de uma poética «em que tudo se lê e nada está escrito», aquilo a que os estudiosos chamam a «arte de não-dizer»?**

Tenho repetidamente afirmado que a linguagem do silêncio é, por vezes (ou sê-lo-á sempre?), mais eloquente que as próprias palavras. É para o silêncio e para a nudez que a minha poesia tende. Isso explica talvez o minimalismo expressivo, a brevidade da fala e a concisão do discurso poético.

**Minimalismo, a essência última do poeta?**

Quando disse que a minha poesia tende para o silêncio e para a nudez, poderia ter acrescentado: o que a minha poesia procura infatigavelmente é a essência das coisas e dos instantes, isto é, o que, oculto nos interstícios do real, escapa à vulgar observação. Há realidades que só o olhar do poeta consegue surpreender ou, por outras palavras, que só a linguagem poética pode traduzir ou revelar. São realidades mínimas, que exigem, para a sua expressão, um mínimo de palavras.

**Torga, um dos seus grandes mestres?**

Com Miguel Torga aprendi a modelar e a modular o verso, a vigiar o alento do poema. Tinha quinze anos quando me chegou às mãos a segunda edição do primeiro volume do *Diário*. Poemas como *Santo e Senha*, que abre o volume, ou *Bucólica*, de tão repetidamente lidos ficaram-me na memória para sempre. É essa a dívida que tenho para com o autor de *Orfeu Rebelde*.

Penso, hoje, no entanto, que o melhor de Torga são os contos e algumas (muitas) páginas de prosa enérgica, limpa e enxuta do *Diário*.

**Na ânsia de querer ser diferente, a poesia moderna tornou-se, nalguns casos, demasiado científica, cheia de eloquências?**

A poesia moderna (e o mesmo se diria de outras artes) transformou-se, em certos casos (alguns de notória celebridade), num mero exercício escolástico e académico, quando não pretexto para loas e prebendas e, até, para a obtenção de currículo. A santa república das letras portuguesas tem os seus fetiches e os seus bonzos.

**Integrou, nos anos oitenta, a Comissão Instaladora do Museu Nacional de Literatura, sediado no Porto. Lamenta que esse projeto não tenha vingado?**

O Porto merecia esse museu, com que o meu querido amigo David Mourão-Ferreira dotara a cidade, enquanto Secretário de Estado da Cultura. Tratava-se de um equipamento cultural extremamente importante e inovador, que honrava a cidade, tão carecida de equipamentos congéneres (Serralves ainda não existia e, mesmo existindo, não preenchia as mesmas finalidades). Lamentei publicamente, na altura, e continuo hoje a lamentar, a morte prematura desse projeto, o que considero um atentado à cultura, à cidade do Porto e ao seu criador, que, além de grande homem das letras, era um grande homem.

**«Mais cedo ou mais tarde / o silêncio virá / perguntar por ti.» Poema inscrito na *Antologia Poética* com que o Brasil enaltece a sua poesia. Sente-se mais amado pelos leitores brasileiros do que pelos portugueses?**

Devo ao Brasil, desde 1985, algumas das mais estimulantes demonstrações de apreço pela minha obra, traduzidas em colóquios, congressos, encontros, nos quais a minha poesia foi objeto de estudo e atenção. E também em artigos e entrevistas publicados na imprensa, além da apresentação de teses, de mestrado e de doutoramento, em universidades do Rio de Janeiro.

**Há universidades brasileiras que incluem a sua obra nos programas. É dos raros poetas que o Prof. Massaud Moisés insere no manual universitário *A Literatura Portuguesa Através do Texto...***

É verdade. Acrescento: a única antologia da poesia portuguesa contemporânea em que estou representado é da autoria de dois brasileiros, os poetas Alberto da Costa e Silva e Alexei Bueno. Significa isto que sou «mais amado pelos leitores brasileiros do que pelos portugueses»? Não me atreveria a dizê-lo. Também não esqueço que foi por iniciativa da Universidade Fernando Pessoa, do Porto, que, em 2000, foram celebrados, com um Colóquio Internacional, os meus cinquenta anos de vida literária.

**Apesar de tudo, já viu premiado o seu trabalho de poeta e de tradutor. Não é um reconhecimento?**

Não concedo aos prémios – a que nunca, aliás, concorri – especial significado e importância. Os dois ou três que me foram atribuídos constituíram, de algum modo, uma surpresa para mim. Os prémios nunca foram garantia da superior qualidade duma obra. Até a atribuição do Nobel tem suscitado algumas reservas.

**Não tem, ao mesmo tempo, revelado alguns autores de mérito até aí ilustres desconhecidos?**

Sem dúvida, porém a maioria dos autores contemplados com o Nobel ou estão hoje completamente esquecidos, ou a sua fortuna crítica e editorial, entre nós, não foi além do fulgor do momento. Para citar apenas um exemplo: quem se lembra (ou, melhor, quem fala) hoje de Wislawa Szymborska, a poetisa polaca a quem se atribuiu, em 1996, o Prémio Nobel de Literatura? Em Portugal, que eu saiba, só muito escassamente foi traduzida. Seria curioso, até, inventariar o número de vezes que a crítica e a imprensa periódica portuguesa a terão citado ao longo destes últimos anos.

### **Em Portugal, escritor que não se preste aos fulgores do *marketing* está condenado à penumbra?**

Lamentavelmente, é o que se observa todos os dias. A independência e a defesa da dignidade têm, entre nós, custos pesados. A vida literária (a vida artística?) é feita de enredos, de artifícios, de compromissos e cedências. A fidelidade e submissão ao grupo, ao espírito da paróquia, ditam habitualmente a grandeza e o sucesso de uma obra ou de um autor.

### **No meio de tudo isso, o leitor está inocente ou acomodado-se?**

O leitor nunca está inocente quando não reage criticamente aos assaltos do *marketing*. Regra geral, é isso que sucede: intoxicado e entontecido pelo clamor das campanhas publicitárias, o cidadão comum puxa pelos últimos cartuchos (os últimos euros do mês) e vai, a reboque, adquirir o badalado produto, cuja qualidade não atesta, arruma-o na estante, sem o ler, e exhibe-o, orgulhoso, na primeira oportunidade, aos amigos que o visitam. Assim se faz a cultura deste país.

**Como professor conhece bem os ensinos secundário e universitário. Por que razão há em Portugal um tão elevado número de alunos que abandonam a escola?**

O abandono escolar dá-se, essencialmente, por falência do sistema e das políticas educativas, mas também por inércia, incúria ou incapacidade dos governantes na resolução dos problemas sociais que afetam largas camadas da população, designadamente nas zonas rurais. E, ainda, por atávicos preconceitos de uma sociedade arcaica, que valoriza sobremaneira o trabalho manual, do qual depende economicamente, isto é, em que faz assentar a sua subsistência, e olha, por isso, com algum desdém ou com negligência a escola e o que ela representa.

**Refere-se, nomeadamente, ao trabalho infantil?**

Só assim se explica, talvez, o tão apregoado e nunca resolvido problema do trabalho infantil, que é uma das nódoas do nosso sistema social.

**Família e escola, binómio desencontrado?**

As famílias transferiram para a escola o papel (ou a parte de responsabilidade) que tradicionalmente lhes cabia na educação dos filhos. Essa é, como se sabe, uma das consequências da emancipação da mulher e da reivindicação, por parte desta, do direito ao trabalho. A escola, entretanto, não está preparada para desempenhar o duplo papel que lhe foi, por assim dizer, atribuído em consequência da evolução política e social.

**Como apetrechar a escola de forma a responder com eficácia a outras necessidades?**

Para assumir esse duplo papel, seria necessário adaptá-la às novas realidades.

### **Implicando uma outra mentalidade social e política?**

As mudanças encontram sempre resistências, além de que, habitualmente, falta coragem política para o lançamento das reformas decisivas.

### **Poderão os próprios pais evitar o divórcio entre a família e a escola?**

Esse desencontro parece-me um dado adquirido. Acredito, todavia, que as Associações de Pais podem desempenhar um papel importante na aproximação, estabelecendo laços de recíproca, leal e benéfica colaboração.

### **É à sociedade que cabe a responsabilidade de estimular o diálogo com as estruturas escolares?**

Mais do que à sociedade, que é uma entidade abstrata, é aos governantes que compete, a meu ver, estar atentos à realidade e promover o diálogo entre todas as partes implicadas no processo educativo. É aos governantes que, no exercício do poder que lhes é conferido, cabe tomar a iniciativa, favorecer a aproximação entre as partes e potenciar o êxito das ações tidas como necessárias aos fins e programas estabelecidos.

### **Ainda conhece situações no nosso país em que, por exemplo, crianças vão para a escola com sopas de vinho no estômago?**

Não, embora admita como possível a existência (ou permanência) de situações semelhantes no Portugal profundo e desconhecido que é o nosso. Digo desconhecido, e devia talvez

dizer abandonado. Porque há (continua a haver) dois países: o dos ricos e o dos pobres, o dos letrados e o dos incultos, o das autoestradas e o dos caminhos de cabras, o das cidades e o das aldeias, o do litoral e o do interior. E, também, um país a duas velocidades, com carruagens de primeira e de segunda, isto é, com cidadãos de primeira e de segunda classe.

### **Quando estudante gostava da escola e dos professores?**

Da escola primária só lembro, a bem dizer, o professor. Estou a vê-lo enrolando pedaços de papel (de jornal, salvo erro), que enfiava nos ouvidos para extrair a cera, e, nas mãos, a palmatória com que impunha respeito e castigava os alunos prevaricadores.

### **Apanhou algumas palmatoadas?**

Não me lembro exatamente, mas julgo que não, e para isso terá contribuído o estatuto social dos meus pais, que, sendo embora pequenos lavradores, eram pessoas respeitadas no meio. E, desde logo, pelo professor primário, que, como se sabe, era, juntamente com o pároco, uma das pessoas gradas da aldeia.

### **Os castigos podem, em alguma circunstância, ser uma forma de educar?**

A escola não está divorciada da vida, e a permissividade, em educação, nem sempre (quase nunca) é boa conselheira. Uma correta e sã pedagogia mostrará sempre que onde há prémios há também castigos e que uns e outros são distribuídos de acordo com o mérito ou demérito das ações. Mas castigo como sinónimo de violência, não, esse não tem estatuto em pedagogia.

### **Há crianças e jovens difíceis, turmas, aulas complicadas...**

É evidente que sim, e os professores sabem-no por experiência, tantas vezes dolorosa. A dificuldade está, com frequência, em lidar corretamente com as situações, em encontrar para estas soluções adequadas. Como na medicina, as situações especiais requerem tratamento especial. Este obtém-se pelo recurso a uma pedagogia que, sem transigir no essencial, se mostre receptiva aos problemas dos alunos, aberta ao conhecimento e compreensão da realidade familiar dos mesmos e permeável à sua situação socioeconómica.

### **Como se relaciona com os seus alunos?**

Mantenho com os meus alunos uma relação de saudável e respeitoso companheirismo. Sempre me pareceu essa a única postura pedagógica verdadeiramente correta, isto é, a mais educativa e fecunda.

### **Um dos seus alunos foi António Pinho Vargas, que compôs, aliás, um ciclo de canções para barítono e piano sobre poemas do seu livro *Escrito a Vermelho*. Que sentiu ao escutar essas canções?**

O António quis associar-se, em 2000, às comemorações dos meus cinquenta anos de vida literária compondo, de facto, sete canções sobre poemas daquele meu livro, que foram publicamente apresentadas, em primeira audição, na Fundação Engenheiro António de Almeida, do Porto, no encerramento do Colóquio Internacional promovido pela Universidade Fernando Pessoa.

### **No colóquio que a Universidade Fernando Pessoa promoveu em sua homenagem?**

Sim. O que senti na ocasião foi orgulho e emoção. Orgulho por, ainda que modestamente, ter contribuído, como professor, para

a formação da personalidade de alguém tão artisticamente dotado como António Pinho Vargas. A emoção, essa, parece-me natural, atentos o significado do gesto, a circunstância e o momento.

**Recorda-se de como foi, entretanto, o seu percurso no ensino secundário, fase marcante da juventude?**

Do secundário recordo tão-somente, pela sua competência profissional e pedagógica, os professores de Filosofia e de Literatura Portuguesa (uma senhora, neste caso), nos antigos sexto e sétimo. As melhores recordações vêm-me da Faculdade de Letras, onde tive excelentes mestres como Vitorino Nemésio, Jacinto do Prado Coelho, Luís Filipe Lindley Cintra, Hernâni Cidade e Walter de Medeiros.

**Tempo da faculdade, decisivo na sua formação e conceção de vida?**

Em particular pelos mestres que tive e pelos ensinamentos que deles recebi. Também porque foi em Lisboa, enquanto aluno da Faculdade de Letras, que me relacionei com o grupo de poetas da *Árvore*, cuja camaradagem fraterna, mantida pela vida fora, foi para mim decisiva como homem e como poeta.

**Dos poetas da *Árvore*, nomes como os de Luís Amaro estão injustamente esquecidos na cena cultural portuguesa?**

Luís Amaro é um poeta de si mesmo esquecido. Passou a vida a cuidar dos outros, em dádiva total (e *Dádiva* é, precisamente, o título do seu primeiro – e único, afinal – livro de poemas), e esqueceu-se de si próprio. Mas de si próprios se esqueceram igualmente, de algum modo, dois outros poetas da *Árvore* – António Luís Moita e José Terra. O primeiro não publica um livro

desde 1985; o segundo, desde 1959. Mais esquecido está, porém, e não por culpa própria, mas alheia, um dos mais importantes poetas do grupo, o Raul de Carvalho.

### **Raul de Carvalho é só um dos nossos maiores poetas...**

E autor de uma vasta obra que, decorridos vinte anos sobre a sua morte, continua a aguardar publicação integral. Tão esquecido (e tão injustiçado) está que a Câmara de Alvito, sua terra natal, se recusou, para escândalo público, a dar o seu nome à nova Biblioteca Municipal da vila. «Mísera sorte! Estranha condição!». Disse-o, pela boca do Velho do Restelo, o nosso Camões, que, embora dispensando a honra, viu batizada com o seu nome essa biblioteca.

### **Lembra-se da primeira palavra que aprendeu a escrever?**

Não, mas terá sido, provavelmente, a palavra “mãe” ou – quem sabe? – a palavra “amor”.

### **Na sua poesia, sente-se escultor ou operário?**

Um operário que esculpe, com as palavras, o corpo do poema.

© *MARIA AUGUSTA SILVA*



## **2012 / OITO ANOS DEPOIS**

### **MAIS QUATRO PERGUNTAS A ALBANO MARTINS**

**Passaram oito anos sobre a data em que o Albano Martins nos concedeu esta entrevista. Diria hoje algo de diferente?**

Não. O que hoje é essencial também já o era ontem. Embora marcado pelas rugas, o nosso rosto não se altera com o tempo. O nosso rosto, quer dizer, a nossa identidade.

**Ao fim de mais de sessenta anos de vida literária, como é que Albano Martins olha para o poeta Albano Martins?**

Depois destes sessenta e dois anos de escrita, digo ao poeta que em mim habita: obrigado por me teres acompanhado. Sem ti, o sol não arderia, as flores não teriam perfume, os pássaros não cantariam. Sem ti, a vida não o seria. (Descontem, por favor, as rimas que aí vão, não totalmente involuntárias).

*Que significa para si o ter traduzido os gregos clássicos, assinando obra que é uma referência em toda a nossa cultura?*

Traduzir os poetas gregos do período clássico (eu já traduzira, lembro, a *Antologia Palatina* e a *Antologia de Planudes*) e oferecê-los, em livro, ao leitor português, significa, além de uma aventura, de um enorme prazer e satisfação pessoal, a consciência de ter confiado à língua de Camões um vasto e inestimável património, raiz e fundamento da nossa cultura. Foi também, e enfim, um desafio, mas desafio é, penso eu, a própria vida. Ou ela – esta, e outra não há – seria apenas uma circunstância de tempo e de lugar, não de modo.

**Que sentiu ao ver-se homenageado na antologia "100 Poemas para Albano Martins", prefaciada por Eduardo Lourenço e organizada por Maria do Sameiro Barroso?**

Senti, naturalmente, emoção e orgulho. Mas também gratidão, por assim me ver generosamente honrado por tantos e bons

amigos. Prova de que, afinal, a amizade e a generosidade, embora espécies em vias de extinção, estão vivas e atuantes. A minha gratidão estende-se, evidentemente, à Maria do Sameiro Barroso, mãe e animadora deste projeto, e ao Eduardo Lourenço, mestre de todos nós, que mais uma vez, com a sua palavra fulgurante, iluminou de forma exemplar a minha poesia.

---

### **ANTOLOGIA HISTÓRICA \* POETAS PARTICIPANTES**

Agripina Costa Marques (Portugal). Alexandre Bonafim (Brasil). Alfredo Péres de Alencart (Espanha). Álvaro Cardoso Gomes (Brasil). Álvaro Alves de Faria (Brasil). Amadeu Baptista (Portugal). Ana Hatherley (Portugal). Ana Luisa Amaral (Portugal). Ana Maria Puga (Portugal). Ángeles Lence (Espanha). António Cândido Franco (Portugal). António Carlos Cortez (Portugal). António Graça Abreu (Portugal). António Oliveira (Portugal). António Osório (Portugal). António Ramos Rosa (Portugal). António Rebordão Navarro (Portugal). António Salvado (Portugal). Artur Coimbra (Portugal). Artur do Cruzeiro Seixas (Portugal). Assumpción Forcada (Espanha/Catalunha). Astrid Cabral (Brasil). Bernadete Capelo (Portugal). Carlos Filipe Moisés (Brasil). Carlos Guerrero Galego (Espanha / Ceuta). Carlos Nejar (Brasil). Carlos Vaz (Portugal). Casimiro de Brito (Portugal). Cláudio Lima (Portugal). Daniel Gonçalves (Portugal). Dolores Alberolla (Espanha). Domingo F. Failde (Espanha). Eduarda Chiote (Portugal). Ernesto Rodrigues (Portugal). Estela Guedes (Portugal). Eugénio Lisboa (Portugal). Fernando de Castro Branco (Portugal). Fernando Esteves Pinto (Portugal). Fernando Guimarães (Portugal). Fernando Paulouro Neves (Portugal). Fernando Pinto do Amaral (Portugal). Firmino Mendes

(Portugal). Gabriela Rocha Martins (Portugal). Gilberto Mendonça Teles (Brasil). Gisela Ramos Rosa (Portugal). Gonçalo Salvado (Portugal). Hélia Correia (Portugal). Iacyr Anderson Freitas (Brasil). Inês Lourenço (Portugal). Isabel Miguel (Espanha). Ivo Machado (Portugal). Ivo Miguel Barroso (Portugal). João Rasteiro (Portugal). João Ricardo Lopes (Portugal). João Rui de Sousa (Portugal). Joaquim Cardoso Dias (Portugal). Jorge Reis-Sá (Portugal). José Emílio-Nelson (Portugal). José Félix Duque (Portugal). José Jorge Letria (Portugal). José Manuel Vasconcelos (Portugal). José Manuel Mendes (Portugal). Lêdo Ivo (Brasil). Liberto Cruz (Portugal). Luís Amaro (Portugal). Luís Maia Varela (Portugal). Luís Quintas (Portugal). Luisa Freire (Portugal). Luisa Ribeiro (Portugal / Açores). Lurdes Espínola (Paraguai). Manuel Alegre (Portugal). Manuel da Silva Terra (Portugal). Manuel Madeira (Portugal). Manuel Márques Rodrigues (Espanha). Manuela Parreira da Silva (Portugal). Marcolino Candeias (Portugal / Açores). Maria Augusta Silva (Portugal). Maria do Sameiro Barroso (Portugal). Maria João Cantinho (Portugal). Maria João Fernandes (Portugal). Maria João Reynaud (Portugal). Maria Quintans (Portugal). Maria Teresa Dias Furtado (Portugal). Miguel Anxo Fernán Vello (Espanha / Galiza). Miguel Serras Pereira (Portugal). Nuno Costa Santos (Portugal). Paulo José Miranda (Portugal). Péricles Prade (Brasil). Pompeu Miguel Martins (Portugal). Reynaldo Valinho Alvarez (Brasil). Rita Taborda Duarte (Portugal). Rosete Lino (Portugal). Rui Almeida (Portugal). Rui Córias (Portugal). Ruy Ventura (Portugal). Teresa Rita Lopes (Portugal). Tiago Néné (Portugal). Urbano Tavares Rodrigues (Portugal). Vergílio Alberto Vieira (Portugal). Victor Oliveira Mateus (Portugal). Vitor Oliveira Jorge (Portugal).



**TAMBÉM NESTE SÍTIO**

Albano Martins / Carta sem data

«A Vida / – essa invenção magnífica / da morte»

Crónica de Maria Augusta Silva

[http://www.casaldasletras.com/maria\\_Registos.html](http://www.casaldasletras.com/maria_Registos.html)

Apreciação literária da obra

de Albano Martins

"Assim a Cal, Assim o Musgo"

por Maria Augusta Silva

[http://www.casaldasletras.com/maria\\_Outras%20Leituras.html](http://www.casaldasletras.com/maria_Outras%20Leituras.html)

*ABRIL DE 2012*